

MAGIS

CADERNOS DE FÉ E CULTURA
ESPECIAL

Número 1 – Agosto 2002

DILEMAS E DESAFIOS DA PASTORAL URBANA



PONTIFÍCIA
UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Centro
Loyola de Fé
e Cultura

CONSELHO EDITORIAL

André Marcelo Machado Soares
Danilo Marcondes Filho
Eliana Yunes
José Carlos Barcellos
Luiz Basílio Cavalieri
Maria Clara Lucchetti Bingemer
Maria Lília Campello Rodrigues
Pe. Paul Schweitzer, sj

EQUIPE ADMINISTRATIVA

Assessoria Administrativa e Editorial
Gilda Maria Rocha de Carvalho
Expedição e Assinaturas
Regina Coelho

Organização e Revisão de Textos
Lenira Alcure

Projeto Gráfico
Carla M. Cipolla
Felipe R. Chalfun

Assessoria Gráfica
Editora PUC-Rio

Apoio
Projeto Comunicar – PUC-Rio

CENTRO LOYOLA DE FÉ E CULTURA

Estrada da Gávea, nº 1
22451-260 – Rio de Janeiro – RJ
Telefone: 3874-8093
Fax: 3874-8095
email: centroloyola@openlink.com.br
www.puc-rio.br/info/loyola/index

MAGIS – CADERNOS DE FÉ E CULTURA ESPECIAL

Número 1 – agosto de 2002

DILEMAS E DESAFIOS DA PASTORAL URBANA

Editorial	7
Palavras de Saudação	15
<i>D. Eusébio Oscar Scheid</i>	
Palavras de Abertura	23
<i>Pe. Jesús Hortal Sánchez, sj</i>	
Palavras de Abertura	27
<i>Luiz Alberto Gómez de Souza</i>	
Desafios do Catolicismo na Cidade	
– Pesquisa em Regiões Metropolitanas	29
<i>Katia Maria C. Medeiros, Marcelo Pitta e</i>	
<i>Sílvia Regina A. Fernandes</i>	
A Situação do Catolicismo nas Metrópoles Brasileiras, através de números e estatísticas	
– Comentário à Pesquisa do CERIS	49
<i>Marcelo A. Camurça</i>	
Reapropriar-se da Cidade, uma Tarefa para a Igreja Católica	59
<i>Maria Clara Lucchetti Bingemer</i>	
As Religiões no Brasil, segundo o Censo de 2000	83
<i>Pe. Alberto Antoniazzi</i>	

Catolicismo na Cidade: Perspectivas Teológico-Pastorais	111
<i>Paulo Fernando Carneiro de Andrade</i>	
Dilemas da Pastoral Urbana: uma Reflexão Sociológica	127
<i>Angela Paiva</i>	
Destradicionalização e Tendências Atuais do Catolicismo no Estado do Rio de Janeiro	139
<i>Eduardo Raposo</i>	
Entrevista com Pe. Manoel Manangão, pároco da Rocinha	149
Uma Igreja Inserida na Sociedade: Comentários aos Debates	161
<i>Sarah Telles</i>	
Iniciação Cristã de Adultos em Ambiente Urbano: Relato de uma Experiência	167
<i>Pe. Joel Portella Amado e equipe</i>	
Caxias, Baixada Fluminense: Uma RICA Experiência na Messe do Senhor	189
<i>Lenira Alcure</i>	
Geografia da Filiação Religiosa no Brasil	199
<i>Philippe Waniez, Viollete Brustlein, Cesar Romero Jacob, Dora Hees, Miguel Pereira, Maria Clara Lucchetti Bingemer</i>	
Relação de Magis já Publicadas	229

GEOGRAFIA DA FILIAÇÃO RELIGIOSA NO BRASIL

Philippe Waniez

*Institut de Recherche pour le Développement,
IRD- Paris*

Violette Brustlein

*Centre National de la Recherche Scientifique,
CNRS- Paris*

Cesar Romero Jacob

e Dora Rodrigues Hees

*Deptº de Comunicação Social,
PUC-Rio*

Miguel Pereira

*Diretor do Deptº de Comunicação Social,
PUC-Rio*

Maria Clara Lucchetti Bingemer

*Deptº de Teologia,
PUC-Rio*

GEOGRAFIA DA FILIAÇÃO RELIGIOSA NO BRASIL

Philippe Waniez

Violette Brustlein

Cesar Romero Jacob

Dora Rodrigues Hees

Miguel Pereira

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Apesar de o Brasil ser considerado o maior país católico do mundo, os resultados dos últimos recenseamentos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) têm mostrado um progressivo declínio do percentual de católicos em nosso País, ao mesmo tempo em que apontam o crescimento dos evangélicos e daqueles que se declaram sem religião. No entanto, como os dados divulgados se referem geralmente a médias nacionais, regionais ou estaduais, não se tem idéia de como se dá o crescimento ou a redução dos diferentes grupos religiosos nos 5.500 municípios brasileiros.

A fim de cobrir esta lacuna nos estudos sobre religião no País, professores da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) associaram-se a pesquisadores franceses do *Institut de Recherche pour le Développement* (IRD) e do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), de Paris, com objetivo de elaborar um *Atlas da Religião no Brasil, 1991-2000*.

O projeto de um Atlas que considere a distribuição espacial dos grupos religiosos em dois diferentes momentos, início e fim dos anos noventa, período em que as transformações em relação à filiação religiosa se deram de forma mais acentuada,

poderá não só identificar as estruturas territoriais nesses dois momentos, como também avaliar as mudanças na filiação religiosa, ocorridas nesse intervalo censitário.

Como ainda não se dispõe dos resultados do Censo de 2000 sobre filiação religiosa para os municípios brasileiros, os mapas publicados, neste artigo, e no CD-ROM *Mapas da Filiação Religiosa no Brasil*¹, em anexo, se limitam aos dados de 1991 e constituem a primeira etapa de um trabalho mais amplo, que deverá estar concluído, em dois anos.

A decisão de publicá-lo neste momento, ainda bastante incompleto, se deve ao convite da Reitoria da PUC-Rio aos autores deste trabalho para participar do Seminário sobre Pastoral Urbana, com o propósito de discutir os resultados da pesquisa feita pelo Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS), em 1999, intitulada *Desafios do Catolicismo na Cidade*.

Nossa contribuição a este Seminário foi, então, a apresentação de uma série de mapas sobre a distribuição espacial dos grupos religiosos, no ano de 1991, para três grandes conjuntos territoriais: o Brasil como um todo, os seis Estados da Federação onde foi realizada a pesquisa do CERIS (Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul), e as suas respectivas regiões metropolitanas.

Neste artigo, a análise será centrada na distribuição espacial das principais correntes religiosas no País, no ano de 1991, procurando-se verificar em que medida as áreas de influência dos principais grupos religiosos correspondem a certas estru-

¹ Para a leitura dos mapas, é necessário utilizar o software *Adobe Acrobat Reader*, cujo programa se encontra disponível no próprio CD-ROM.

turas espaciais já identificadas ao longo do território nacional. Assim, para a melhor compreensão da geografia da filiação religiosa no Brasil, foram escolhidos alguns indicadores demográficos e socioeconômicos, que pudessem ajudar a caracterização dos municípios e, nessa medida, contribuir para o entendimento das estruturas religiosas no País.

A natureza dos dados e os tipos de mapas

Os dados sobre filiação religiosa que vamos analisar resultam de uma pergunta do Censo Demográfico do IBGE sobre *religião ou culto*, do questionário da amostra, mais extenso do que o questionário básico, aplicado a 20% dos domicílios, em municípios com até 15 mil habitantes, e a 10% dos demais.

A essa pergunta a pessoa recenseada tem o direito de declarar somente uma religião. Em função disso, a dupla filiação religiosa, decorrente do sincretismo tão comum em nosso País, como, por exemplo, os católicos que freqüentam o candomblé, não pode ser captada. Esta limitação do levantamento censitário pode levar ao subdimensionamento de determinados grupos religiosos.

Não obstante, o Censo tem a vantagem da exaustividade, por ser a única pesquisa a cobrir todo o território nacional, e assim ser capaz de revelar tendências que se constituem em indicações preciosas, sobretudo para estudos que buscam maior detalhamento, no plano municipal.

Os mapas em cores que se encontram no CD-ROM dizem respeito à distribuição das grandes correntes religiosas e suas subdivisões (católicos, evangélicos tradicionais, evangélicos pentecostais, neocristãos, mediúnicos, orientais, judeus, islâmicos e sem religião), e aos seguintes indicadores

demográficos e socioeconômicos: densidade de população, alfabetização, discrepância de rendimentos, variação populacional, masculinidade e urbanização. Estes mapas foram elaborados para o Brasil, os seis estados acima relacionados e suas respectivas regiões metropolitanas.

Já os mapas publicados no final deste artigo, em gamas de cinza, dizem respeito apenas aos grandes grupos religiosos (católicos, evangélicos tradicionais, evangélicos pentecostais, e os sem religião) e aos indicadores demográficos e socioeconômicos existentes no CD-ROM. Este conjunto de mapas se refere somente ao Brasil, em sua totalidade.

Apesar de os dados de 1991 se encontrarem disponíveis para os 5 mil municípios existentes no País, naquele ano, por questões de legibilidade gráfica, a malha espacial sobre a qual foram feitos os mapas do Brasil não é a dos municípios, mas a das 558 microrregiões geográficas. Estas microrregiões foram definidas pelo IBGE e se constituem em conjuntos de municípios agrupados em função da natureza das suas atividades econômicas ou do seu grau de urbanização. Já os mapas para os Estados e regiões metropolitanas foram feitos a partir das suas malhas municipais.

Nos mapas que se encontram no CD-ROM foram utilizadas duas formas de representação cartográfica. Para o Brasil como um todo, recorreu-se aos mapas em círculos proporcionais coloridos, que reúnem dois tipos de informação: o tamanho dos círculos indica, em valores absolutos, o número de habitantes que declararam pertencer a determinada religião, ou não ter nenhuma, e a cor expressa, em valores relativos, as porcentagens.

Este tipo de representação permite a comparação entre mapas através do estabelecimento de um círculo de raio míni-

mo comparável. Porém, quando se têm efetivos muito desiguais entre os mapas (por exemplo, os católicos e os sem religião), a escala dos círculos não pode ser a mesma para todos os mapas, e por isso as superfícies dos círculos não podem ser comparadas. Para se evitar qualquer leitura equivocada, recomenda-se prestar atenção ao valor do menor círculo que aparece na legenda.

Para os seis Estados e suas regiões metropolitanas, um outro tipo de representação cartográfica foi utilizado, o dos *mapas coropléticos*, que expressam em valores relativos à porcentagem de habitantes que, no total da população, declararam pertencer a uma determinada religião, ou não ter nenhuma.

Os dois conjuntos de mapas apresentados, ao final deste artigo e no CD-ROM, foram realizados com a ajuda do *software Philcarto*, programa de cartografia temática, que possibilita realizar mapeamentos a partir de qualquer tipo de informação, desde que sejam utilizados os códigos dos municípios estabelecidos pelo IBGE. Desse modo, constitui-se numa ferramenta para a espacialização da grande quantidade de informações estatísticas que o País produz e, nesse sentido, é uma contribuição para o conhecimento das transformações que vêm ocorrendo no território brasileiro, do ponto de vista demográfico, econômico, político e social.

Esta metodologia é exposta no livro *Comunicação Cartográfica*², com o programa Philcarto oferecido em CD-ROM, para permitir aos geógrafos, cientistas políticos, sociólo-

² Philippe Waniez, Violette Brustlein e Dora Rodrigues Hees. *Comunicação Cartográfica: o mapeamento dos resultados eleitorais no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio e São Paulo, Loyola, 2002

gos, jornalistas, em suma, a todos aqueles que se interessam pelo território brasileiro, realizarem seus próprios mapas.

Repartição geográfica dos grupos religiosos no Brasil

Um exame dos dados sobre filiação religiosa no Brasil, em todos os Censos realizados até hoje, permite constatar que os católicos, embora se constituam a maioria dos fiéis em nosso País, vêm apresentando, em termos percentuais, declínio ao longo do tempo. Assim, em 1890 representavam 98,8% da população e, noventa anos depois, em 1980, eram 88,9%, revelando, ao longo desse período, uma queda de 10 pontos percentuais. A partir de então, esse quadro de lento declínio foi substituído por uma situação de rápida diminuição do percentual de católicos, que passam a representar 83,0% da população, em 1991, e 73,8%, em 2000, o que significa uma queda de 15 pontos percentuais em apenas 20 anos, quando comparado com a situação de 1980.

Poderia se pensar que esta perda de expressão dos católicos no País seja explicada pelo avanço das religiões evangélicas que, de 6,6% da população total, em 1980, passam para 9%, em 1991, e 15,4 %, em 2000, ou seja, um aumento de 8,8 pontos percentuais nesse período. Porém, há que considerar ainda um outro fenômeno que vem ocorrendo no País, que é o crescimento significativo das pessoas sem religião, que passam de 1,6% da população total, em 1980, para 4,8%, em 1991, e 7,3%, em 2000, expressando um aumento de 5,7 pontos percentuais, num período de 20 anos.

Ao se considerar apenas o período 1991-2000, com base nos resultados preliminares do último Censo Demográfico, tem-se as seguintes tendências na década:

Religiões	População		% População		Diferença
	2000	1991	2000	1991	
Católica Apostólica Romana	124 976 912	121 812 771	73,77	82,97	-9,20
Evangélicas Tradicionais	8 477 068	4 388 281	5,00	2,99	2,01
Evangélicas Pentecostais	17 689 862	8 179 706	10,44	5,57	4,87
Espírita	2 337 432	1 644 355	1,38	1,12	0,26
Umbanda e Candomblé	571 329	648 489	0,34	0,44	-0,10
Judaica	101 062	86 416	0,06	0,06	0,00
Religiões Orientais	427 449	368 578	0,25	0,25	0,00
Sem religião	12 330 101	6 946 221	7,28	4,73	2,55
Outras	2 500 544	2 741 001	1,48	1,87	-0,39
Total Brasil	169 411 759	146 815 818	100,00	100,00	

Tabela n°1- População do Brasil por grupos religiosos em 1991 e 2000

Fonte : Resultados preliminares do Censo Demográfico 2000

- perda de influência relativa da Igreja Católica (-9,2 pontos percentuais);
- crescimento das igrejas evangélicas tradicionais (+2 pontos percentuais);
- aumento das igrejas evangélicas pentecostais (+4,9 pontos percentuais);
- crescimento de pessoas sem religião (+2,55 pontos percentuais).

Como essas transformações não se dão de maneira uniforme em todo o território nacional, pretende-se, através do *Atlas da Religião no Brasil 1991-2000*, identificar os municípios onde tais mudanças foram verificadas e com que intensidade elas se deram. No entanto, na ausência de dados para o ano de 2000, por municípios, vamos apresentar aqui tão somente uma *fotografia* da distribuição das principais correntes religiosas, no ano de 1991.

O mapa do número de católicos (Fig. 3), em gamas de cinza, no final deste artigo, mostra naturalmente estreita semelhança com o da população total (Fig. 1). Mas quando se relaciona o número daqueles que se declaram católicos com o total da população (Fig. 4), tem-se uma configuração espacial muito diferente.

Observa-se uma forte concentração de católicos na Região Nordeste, que se estende ao Estado de Minas Gerais. De maneira menos expressiva, verificam-se também altos percentuais no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Já no Centro-Oeste e na Região Norte, a presença de católicos é menos acentuada, com exceção de parte do Amazonas e do Acre. Observa-se ainda que, nas principais aglomerações

urbanas do País, é menor a relação de católicos sobre a população total, particularmente nas regiões Sudeste e Sul.

Esta repartição espacial do catolicismo brasileiro pode ser relacionada com alguns mapas socioeconômicos. O mapa da alfabetização³, por exemplo, mostra o extremo atraso das regiões Nordeste e Norte (Fig. 11), onde as taxas de alfabetização são freqüentemente inferiores a 50%.

Em contrapartida, quase todas as extensões do Sudeste e do Sul situam-se em posição bem melhor, com mais de 70% de sua população alfabetizada. Da mesma forma, o mapa das discrepâncias de rendimentos revela que a pior situação se encontra nas Regiões Nordeste e Norte (Fig. 12), sendo de certa forma uma espécie de negativo do mapa da alfabetização. Assim, na metade-sul do País, sobretudo no Estado de São Paulo, as discrepâncias são bem mais fracas, enquanto no Nordeste, especialmente no Maranhão, elas se apresentam de maneira muito acentuada.

Em uma interpretação um pouco precipitada, poderia se relacionar porcentagens mais acentuadas de católicos a baixos níveis de condições de vida, em função do quadro que se observa, por exemplo, na Região Nordeste. No entanto, não se pode esquecer que, no Sul do País, região com bons níveis socioeconômicos, há também porcentagens muito elevadas de católicos.

Portanto, a relação entre a forte presença de católicos em certas regiões do Brasil e suas características socioeconômicas deve ser feita com muito cuidado, em função da própria com-

³ A taxa de alfabetização corresponde ao número de pessoas com 10 anos ou mais, que sabem ler e escrever, por 100 pessoas da mesma faixa de idade.

plexidade do território brasileiro. Assim, no caso do Nordeste, por exemplo, há que se investigar outros elementos próprios à cultura da Região, como a religiosidade e as crenças populares, o peso da tradição oral e a menor influência dos meios de comunicação na mudança de atitudes e, ainda, o papel das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), para se entender melhor a força da religião católica, sobretudo, no interior.

Em relação aos evangélicos, o recenseamento de 1991 distingue dois grandes grupos: os tradicionais que representam 3% da população, e os pentecostais que correspondem a 6%. O mapa dos evangélicos tradicionais (Fig. 5) mostra que eles estão presentes em todo o País, mas se concentram principalmente no Sudeste e Sul.

Porém, quando se relaciona o número daqueles que se declaram evangélicos de confissão tradicional com a população total (Fig. 6), tem-se um padrão espacial muito diferente. Observa-se que a presença mais forte de evangélicos tradicionais ocorre nas áreas de colonização realizada por imigrantes alemães no século XIX, como a região serrana do Espírito Santo, o leste de Santa Catarina e partes do Rio Grande do Sul.

Ao se examinar, no entanto, a distribuição de cada um dos subgrupos que compõem os evangélicos tradicionais - luteranos, presbiterianos, batistas, adventistas, etc. - através dos mapas que se encontram no CD-ROM, constata-se que as áreas de colonização alemã correspondem exatamente àquelas onde é maior a presença de luteranos. Ao contrário destes e dos demais grupos evangélicos tradicionais, que têm uma distribuição localizada, os adventistas se constituem numa confissão religiosa com presença significativa em todo o País, sobretudo nas capitais estaduais.

Do mesmo modo, o mapa dos pentecostais (Fig.7) mostra que eles também possuem uma distribuição nacional, com presença mais acentuada, no entanto, nas regiões Sudeste e Sul. Quando se relaciona, porém, o número daqueles que se declaram evangélicos de confissão pentecostal com a população total (Fig. 8), tem-se uma distribuição espacial bastante diferente.

É possível observar que as maiores concentrações de pentecostais se dão nas regiões Centro-Oeste e Norte, principalmente nas áreas de fronteira agrícola e mineral, que abrangem os Estados de Rondônia, Mato Grosso, Pará e Roraima. Essas regiões podem ser facilmente identificadas através de dois indicadores demográficos clássicos: a variação de população (Fig. 14) e a taxa de masculinidade (Fig. 13).

Como se sabe, a forte atração que as áreas de fronteira exercem sobre a população migrante, em sua maioria do sexo masculino, faz com que essas regiões do interior sejam as que apresentem os mais elevados índices de crescimento demográfico e as maiores taxas de masculinidade do País. Assim, nota-se uma forte semelhança entre a distribuição espacial, tanto dos evangélicos pentecostais, quanto da variação populacional, ou ainda, de masculinidade. Acredita-se que essas áreas pioneiras, onde os migrantes freqüentemente perdem as suas raízes e tentam reconstruir a sua identidade, se constituam em terreno fértil para o crescimento das religiões pentecostais, aliado ao fato de a Igreja Católica aí se mostrar pouco presente.

Ao se analisar a distribuição de cada um dos subgrupos que compõem os evangélicos pentecostais – Assembléia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, etc. – através dos mapas

que se encontram no CD-ROM, constata-se que o único subgrupo que está presente em todo o território nacional é o da Assembléia de Deus, que detém 30% do total de evangélicos pentecostais.

Já o segundo subgrupo em importância, o da Congregação Cristã do Brasil, com 20% dos fiéis, apresenta uma configuração espacial muito localizada, com forte implantação no Estado de São Paulo, na metade-norte do Paraná e também em Rondônia. Finalmente, chama atenção entre os pentecostais o fato de o subgrupo *Religião não-determinada* reunir 32% dos fiéis e ser uma categoria mais numerosa do que a própria Assembléia de Deus. Pode-se pensar, então, que o crescimento do pentecostalismo no Brasil se dê paralelamente ao seu fracionamento, através da subdivisão em novos grupos que adotam outras denominações.

Além dos pentecostais, há que considerar ainda os que se declaram sem religião, que representavam 4,8% da população total, em 1991. A análise do mapa dos que afirmam não ter religião alguma (Fig.9) revela que eles estão presentes em todo o território nacional, especialmente nas microrregiões das capitais estaduais. Quando se observa, porém, as porcentagens dos sem religião no total da população (Fig.10), chama a atenção a situação do Estado Rio de Janeiro pelos altos percentuais, que se verificam na maior parte do seu território.

Além do Rio de Janeiro, elevados percentuais são observados ainda, mas de forma localizada, nos Estados da Bahia, Espírito Santo, São Paulo, Rio Grande do Sul, Rondônia e Amazonas. Com menores percentuais, mas com ocorrências mais extensas, situam-se microrregiões do Centro-Oeste e Norte, abrangendo, inclusive, áreas identificadas como de fron-

teira agrícola e mineral, onde a presença de evangélicos pentecostais se mostrou mais expressiva e a de católicos, mais fraca.

Repartição geográfica dos grupos religiosos em seis estados

Após a análise da geografia dos grupos religiosos no Brasil, vamos focalizar os seis estados e suas regiões metropolitanas, onde foi realizada a pesquisa do CERIS, intitulada *Desafios do Catolicismo na Cidade*.

O Estado de Pernambuco, com 85,7% de católicos em 1991, apresenta uma configuração espacial muito demarcada, com maiores percentuais de católicos no Agreste e no Sertão, e menores, no Litoral e na Zona da Mata, áreas onde a presença de outros grupos religiosos é mais acentuada, especialmente a dos membros da Assembléia de Deus, o mais expressivo dos grupos pentecostais existentes no Estado.

Contribui, ainda, para a menor expressão dos católicos nessa área de Pernambuco, a participação significativa dos sem religião. Ao se analisar a região metropolitana, observa-se que é em municípios da periferia de Recife que se encontram os mais altos índices de católicos, como Itamaracá, no norte, e Ipojuca, no sul. A mesma situação se dá em relação aos evangélicos da Assembléia de Deus e aos sem religião, que também registram seus mais elevados percentuais na periferia metropolitana.

No caso da Bahia, com 86,8% de população católica em 1991, dá-se situação semelhante à de Pernambuco, uma vez que os católicos se concentram também no interior, enquanto na faixa litorânea do estado tem-se a presença de outras con-

fissões religiosas, particularmente dos fiéis da Assembléia de Deus, e também dos que se declaram sem religião. Na região metropolitana de Salvador, os católicos registram seus mais altos percentuais em municípios da periferia, assim como os membros da Assembléia de Deus. Já os sem religião alcançam os índices mais altos, tanto na capital, quanto em municípios da periferia de Salvador.

O Estado de Minas Gerais apresenta algumas peculiaridades na geografia da filiação religiosa, apesar de certos traços comuns com os estados já analisados. Assim, os católicos que constituíam 87,4% da população em 1991, também se concentram no interior, e não em Belo Horizonte ou em sua região metropolitana.

Além da região metropolitana, menores percentuais de católicos se verificam ainda no Triângulo Mineiro, no extremo oeste do Estado, e na região sob a influência da cidade de Governador Valadares, no leste. A explicação para este fato parece estar, no caso do Triângulo Mineiro, na maior presença dos sem religião e também dos espíritas, em função da liderança do médium Chico Xavier, que, até a sua morte recente, atuava em Uberaba. Já a situação de Governador Valadares pode ser explicada por altos percentuais dos sem religião e também pelo pluralismo religioso aí existente, uma vez que grupos de diversas confissões, como Presbiteriana, Batista e Assembléia de Deus, se apresentam bem implantados nessa área.

Em relação à região metropolitana de Belo Horizonte, a situação se assemelha à da RM de Recife. Assim, os católicos se mostram mais expressivos em municípios da periferia, em Caeté, Brumadinho e Esmeraldas, bem como os evangélicos da Assembléia de Deus e os sem religião.

O Rio de Janeiro se destaca por ser o Estado com menor porcentagem de católicos no País, 67,7% da população, em 1991. Apesar disso, apresenta elementos comuns à geografia da filiação religiosa verificada nos Estados já analisados. Assim, os católicos se concentram também no interior, sobretudo numa extensa faixa ao longo da fronteira com Minas Gerais. Em relação aos evangélicos, observa-se a grande expressão que os batistas alcançam no norte fluminense, e os fiéis da Assembléia de Deus, em municípios da Baixada Fluminense e da Região dos Lagos.

Da mesma forma que a Assembléia de Deus, os sem religião localizam-se numa extensa área que abrange desde a Baixada Fluminense até a Região dos Lagos. Ao se analisar a filiação religiosa nos municípios da região metropolitana, verifica-se a maior presença de católicos na capital, o que até então não foi observado em nenhuma outra região metropolitana. Já em relação aos sem religião e aos adeptos da Assembléia de Deus, repete-se o padrão de Recife e Belo Horizonte: os mais altos percentuais estão nos municípios da periferia metropolitana.

O Estado de São Paulo, com 81,8% de população católica, em 1991, apresenta os menores percentuais de católicos no sul do Estado, área onde a participação de outros grupos religiosos é mais acentuada, especialmente os membros da Congregação Cristã do Brasil e da Assembléia de Deus, os grupos pentecostais mais expressivos do Estado.

É no sul paulista também que se concentram os mais altos percentuais dos que se declaram sem religião. O conjunto de mapas sobre São Paulo é capaz de revelar o pluralismo religioso existente no estado, em função certamente da presença de

migrantes orientais de diversas origens, o que faz com que haja praticantes do Budismo, Seicho No-Ie, Islamismo, etc, ainda que apresentando percentuais reduzidos e revelando ocorrências muito localizadas.

Na região metropolitana, observa-se que é, em municípios da periferia de São Paulo (como Salesópolis e Biritiba Mirim, no sudeste, e Pirapora do Bom Jesus, a noroeste), que se encontram os mais altos índices de católicos. A mesma situação se dá em relação aos evangélicos da Congregação Cristã do Brasil e da Assembléia de Deus, bem como os sem religião, que também registram seus mais elevados percentuais na periferia metropolitana.

Finalmente, o Rio Grande do Sul, que contava em 1991 com 82% de população católica, revela como traço diferente em relação aos outros Estados da pesquisa do CERIS, a presença significativa de luteranos em algumas áreas, que, como se sabe, se deve à imigração alemã no século XIX. Por esse motivo, as áreas onde os luteranos são mais numerosos são bem demarcadas, no centro, ao norte da capital e no noroeste do estado, onde os imigrantes alemães se fixaram em núcleos de colonização.

Quanto à distribuição dos católicos, observam-se percentuais mais elevados na serra gaúcha, em Bento Gonçalves e em municípios do seu entorno, e menor presença destes na capital e em sua região metropolitana, traço comum aos demais Estados já analisados. Há também menores percentuais de católicos no sul do Estado, pelo fato de aí se concentrarem os que se declaram sem religião. Quanto aos evangélicos pentecostais, o grupo mais expressivo é o da Assembléia de Deus, com presença significativa principalmente no noroeste.

A análise da região metropolitana de Porto Alegre revela, como traço comum à maioria das RMs, que os maiores percentuais de católicos ocorrem na periferia e não na capital. De forma muito localizada, ao norte da RM, encontram-se os luteranos, em municípios como Dois Irmãos e Nova Hartz. Já os sem religião estão presentes tanto na capital, quanto na periferia metropolitana.

Conclusão

Apesar de o Seminário sobre Pastoral Urbana realizado na PUC-Rio ter sido organizado para discutir *Desafios do Catolicismo na Cidade*, a nossa participação, pela própria natureza do projeto que estamos desenvolvendo, um *Atlas da Religião no Brasil 1991-2000*, não poderia se restringir às seis regiões metropolitanas em que a pesquisa do CERIS foi realizada. Assim, a análise dos mapas que acompanham este artigo mostra que são muitos os desafios do Catolicismo no Brasil e que eles não se limitam, naturalmente, às grandes cidades.

Como vimos, no interior das Regiões Nordeste, Sudeste e Sul, áreas de ocupação tradicional ligadas à própria história do povoamento do País, a Igreja Católica apresenta uma situação muito estável, e os dados do Censo de 1991 revelam que os seus percentuais de fiéis são muito elevados. No entanto, a Igreja parece ter dificuldade em relação às áreas de ocupação mais recente, como os espaços *pioneiros* de fronteira agrícola e mineral, que vêm sendo buscados por migrantes provenientes em sua grande maioria de áreas com forte tradição católica. Nesse mesmo sentido, situam-se as áreas de crescimento intenso na periferia das grandes cidades, que também se caracterizam pela forte presença de migrantes.

Assim, o *pioneirismo* e a urbanização acelerada, dois processos importantes da reorganização espacial da população no País, parecem se constituir em fatores desfavoráveis à permanência de migrantes no seio do catolicismo. Como se sabe, nas áreas de fronteira e nas periferias urbanas, em que o Estado se encontra ausente como instrumento de promoção social, faltam a essas populações condições mínimas para uma vida digna, pela carência de moradia, emprego, saneamento básico, escolas, hospitais, segurança pública, etc. Os mapas sobre os indicadores sociais selecionados são capazes de confirmar essa situação através de altas taxas de analfabetismo, fortes disparidades de rendimentos e baixos índices de desenvolvimento humano.

O traço comum a esses dois tipos de espaços tão diferentes entre si, a fronteira agrícola e mineral e as periferias urbanas, é portanto a presença de populações migrantes que convivem com a pobreza, violência, alcoolismo e prostituição, situações propícias ao crescimento das igrejas pentecostais. Pode-se supor que os migrantes, desterritorializados e fragilizados, encontrem nessas igrejas espaço para a reconstrução da sua identidade social, cultural e religiosa. Assim, diante da ausência do Estado e da presença insuficiente da Igreja Católica – que não consegue acompanhar o dinamismo das mudanças em curso nessas áreas – os migrantes procuram nas religiões pentecostais formas de organização, apoio mútuo e solidariedade para enfrentar as dificuldades de uma vida miserável.

No entanto, a adesão dessas populações às igrejas pentecostais se constitui num verdadeiro paradoxo. Se, por um lado, essa filiação pode contribuir para promover a auto-estima dos seus fiéis, por outro, na medida em que os dirigentes dessas

igrejas se aliam a políticos conservadores da elite brasileira, responsáveis pela situação de exclusão social existente no País, realimentam essa exclusão, na medida em que a ação política dos pastores não busca, de fato, a alteração desse modelo.

Além do crescimento dos evangélicos pentecostais que vêm conquistando novos adeptos em detrimento do catolicismo, outro desafio da Igreja Católica é o aumento expressivo dos que se declaram não ter religião, fato que ocorre particularmente nas grandes cidades do País. Apesar de esses fenômenos resultarem na subtração de fiéis à Igreja Católica, parecem se originar de tendências muito diferentes. Pode-se supor que enquanto o crescimento dos evangélicos pentecostais represente um movimento de *retradicionização* na sociedade brasileira, o aumento dos sem religião expresse o contrário, uma inclinação à *destradicionização*, típica do mundo moderno.

Assim, o fanatismo religioso dos evangélicos pentecostais, avessos ao diálogo com outros cristãos, com fiéis de religiões não-cristãs ou com os sem religião, parece indicar uma propensão à intolerância e, desse modo, pode ser visto como a expressão de fundamentalismo, uma característica de comportamento não-democrático. Já o crescimento dos sem religião pode ser percebido como expressão de uma tendência do mundo atual, cada vez mais plural e secularizado⁴

Porém, para que essas considerações possam ser mais bem avaliadas, será preciso avançar na pesquisa sobre a filiação religiosa no Brasil, não só através da atualização com os dados

⁴ A esse respeito ver Pe. Jesus Hortal, SJ. *A religião no Brasil*, Rio de Janeiro: s/d., mimeo.

do Censo de 2000, para os municípios, mas também pela realização de mapeamentos em nível dos bairros das grandes cidades que possam dar conta da diversidade e complexidade das regiões metropolitanas brasileiras.

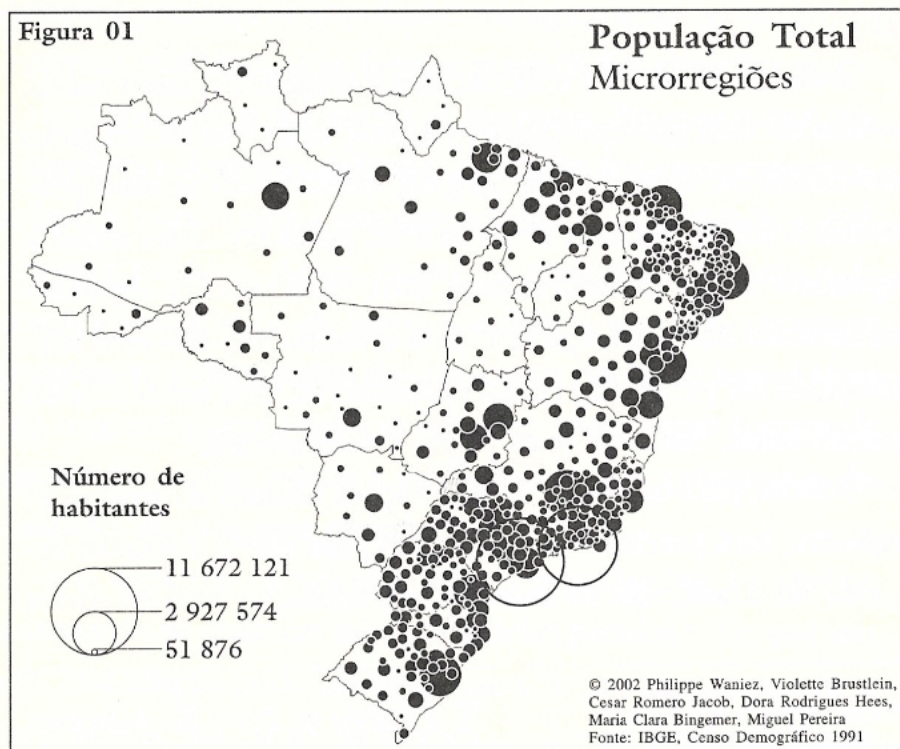
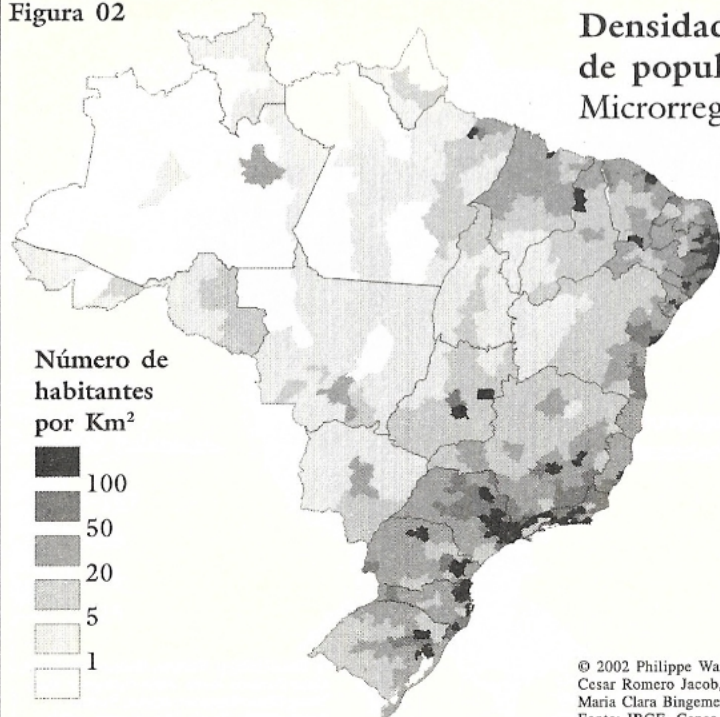
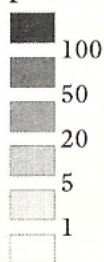


Figura 02

Densidade de população Microrregiões

Número de habitantes
por Km²

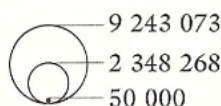


© 2002 Philippe Waniez, Violette Brustlein,
Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,
Maria Clara Bingemer, Miguel Pereira
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1991

Figura 03

Católicos Microrregiões

Número de católicos

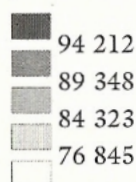


© 2002 Philippe Waniez, Violette Brustlein,
Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,
Maria Clara Bingemer, Miguel Pereira
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1991

Figura 04

Católicos Microrregiões

Número de católicos
por 100 000 habitantes

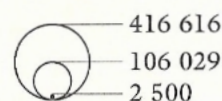


© 2002 Philippe Waniez, Violette Brustlein,
Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,
Maria Clara Bingemer, Miguel Pereira
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1991

Figura 05

Evangélicos tradicionais Microrregiões

Número de
evangélicos
tradicionais

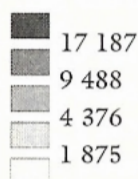


© 2002 Philippe Waniez, Violette Brustlein,
Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,
Maria Clara Bingemer, Miguel Pereira
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1991

Figura 06

Evangélicos tradicionais Microrregiões

Número de
evangélicos
tradicionais por
100 000 habitantes

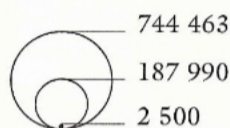


© 2002 Philippe Waniez, Violette Brustlein,
Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,
Maria Clara Bingemer, Miguel Pereira
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1991

Figura 07

Evangélicos pentecostais Microrregiões

Número de
evangélicos
pentecostais

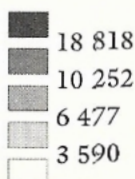


© 2002 Philippe Waniez, Violette Brustlein,
Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,
Maria Clara Bingemer, Miguel Pereira
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1991

Figura 08

Evangélicos pentecostais Microrregiões

Número de
evangélicos
pentecostais por
100 000 habitantes

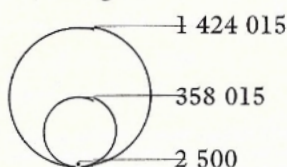


© 2002 Philippe Waniez, Violette Brustlein,
Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,
Maria Clara Bingemer, Miguel Pereira
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1991

Figura 09

População sem religião Microrregiões

Número de habitantes
sem religião

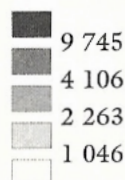


© 2002 Philippe Waniez, Violette Brustlein,
Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,
Maria Clara Bingemer, Miguel Pereira
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1991

Figura 10

População sem religião Microrregiões

Número de
sem religião por
100 000 habitante

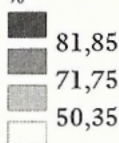


© 2002 Philippe Waniez, Violette Brustlein,
Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,
Maria Clara Bingemer, Miguel Pereira
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1991

Figura 11

Alfabetização Microrregiões

Taxa de alfabetização
%

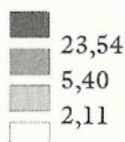


© 2002 Philippe Waniez, Violette Brustlein,
Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,
Maria Clara Bingemer, Miguel Pereira
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1991

Figura 12

Discrepância de Rendimentos Microrregiões

Número de chefes de família com até um salário mínimo por mês para cada chefe com mais de 10

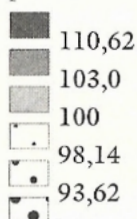


© 2002 Philippe Waniez, Violette Brustlein, Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Maria Clara Bingemer, Miguel Pereira
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1991

Figura 13

Masculinidade Microrregiões

Número de homens por 100 mulheres

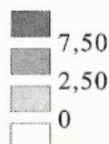


© 2002 Philippe Waniez, Violette Brustlein, Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Maria Clara Bingemer, Miguel Pereira
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1991

Figura 14

Varição de população Microrregiões

Taxa geométrica
de variação
1980-1991 (% ano)

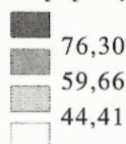


2 Philippe Waniez, Violette Brustlein,
Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,
Clara Bingemer, Miguel Pereira
IBGE, Censo Demográfico 1991

Figura 15

Urbanização Microrregiões

% da população urbana
na população total



2 Philippe Waniez, Violette Brustlein,
Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,
Clara Bingemer, Miguel Pereira
IBGE, Censo Demográfico 1991